

ASPECTOS DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela

No mundo atual em crescente globalização, aumenta a importância de uma educação global. E nela ocupa lugar de destaque o ensino de uma, ou mais, línguas estrangeiras. Ao aprendermos uma língua, não estamos apenas adentrando um novo campo sintático, semântico, lexical e fonológico, mas também passamos a suportar o peso de uma nova cultura e as luzes de uma diferente civilização. Esse aspecto é fundamental para que nos situemos melhor num mundo que a cada dia se faz menor e onde barreiras têm sido constantemente quebradas.

Como sabemos, o aprendizado do Inglês como língua estrangeira tornou-se ainda mais importante após a 2^a Guerra Mundial, quando passou a ser a língua mestra nas relações internacionais, diplomáticas e comerciais; espaço anteriormente ocupado pelo idioma francês. Hoje, no final do milênio, o inglês é falado no mundo todo e, a cada dia, ganha novo espaço no universo cultural e comercial. Esse fato pode ser claramente verificado na área de informática, onde, a cada hora, se nos deparam com textos como o seguinte que integra um encarte para anúncio de livros:

Java é a maneira mais nova e interessante de criar páginas Web interativas, multimídia. Utilizando applets Java, pequenos programas que você inclui em suas páginas, HTML, você pode criar páginas Web deslumbrantes. Escrito por membros da equipe de desenvolvimento do Java da Sun, este texto mostra tudo o que você precisa para usar applets Java efetivamente. Passo a passo, demonstra como adicionar applets Java a sua página Web e como configurá-la sem

programação. Você também aprenderá como usar o kit para desenvolvedores Java (Java Developers Kit), que permite construir novas applets. Compatível com os browsers Netscape Navigator (a partir da versão 2.0) e HotJava da Sun. O CD-ROM inclui:

- Applets-exemplo prontas para serem conectadas a sua página Web.
- Exemplos de páginas HTML incrementadas com Java.
- Grande quantidade de código-fonte Java.
- O kit para desenvolvedores Java para Windows 95, Windows NT e Solaris 2.x.

(MAKRON Books. Ribeirão Preto: MAKRON Books do Brasil, ag./1996)

Paralelamente a fatos como esses, temos prova de que o número de títulos de obras em inglês em todos os campos da ciência, é relevante; sobretudo nos Estados Unidos, onde nunca se mediram esforços para ampliação e incremento das bibliotecas. Além disso, assistimos a uma demanda crescente de profissionais para a área do comércio exterior, sendo o inglês, mundialmente falando, e no nosso caso também o espanhol, com o Mercosul, imprescindíveis para o desempenho mínimo desse profissional.

O mundo caminhou, então, de um universo da escrita para um universo da comunicação oral. Com isso também o ensino do Inglês passou do *Grammar-Translation Method* para o *Direct*, depois ao *Audiolingual*, posteriormente ao *Functional*, chegando ao *Communicative Approach*. Resumindo a história do ensino de língua estrangeira, temos uma ponte entre a língua escrita e a comunicação oral. Hoje já se fala em *Collaborative Method*, em que professores, alunos e pesquisadores da área se comunicam ajudando-se mutuamente. O ensino da Língua Inglesa é importante pelo fato de possibilitar contato com um idioma de alcance mundial. E esse ensino, muito mais que a escrita, deve visar à comunicação oral em nosso mundo globalizado. Sendo

assim, ao pensarmos nos quatro *skills*, percebemos que *reading* e *writing* passam a ser pré-requisitos para que o *listening* e o *speaking* possam ocorrer sem barreiras.

Antigamente, quando o ensino de uma segunda língua se dava através de textos (*Grammar-Translation Method*), podíamos suportar uma pronúncia inadequada sendo transmitida e fixada de professor para aluno. Nos tempos atuais, com a TV a cabo, computadores multimídia ligados a *internet* e inumeráveis meios de comunicação, já não se justifica a pronúncia inadequada anteriormente passada pelos professores aos alunos.

Para ilustrar o tipo de aprendizado mencionado, narrarei a minha experiência pessoal. Iniciei meus estudos de Inglês em 1979 com onze anos de idade em escolas particulares consagradas; após sete anos, fui aprovada no exame de proficiência da Universidade de Michigan e ingressei na Universidade de Campinas (Unicamp) como estudante do Curso de Letras, considerado entre os primeiros do País. Nessa universidade, recebi bolsa de estudos por dois anos na Universidade de Nova York. Lá chegando, verifiquei com grande surpresa que a minha comunicação no idioma local deixava muito a desejar. Embora eu me houvesse esmerado para aprender o Inglês aqui no Brasil, fazia uso de uma falsa pronúncia do idioma. Posteriormente, pude comprovar que essa pronúncia se originava, em maior parte, dos professores que acompanharam meu aprendizado, pois eles mesmos tinham uma pronúncia imprópria do idioma que ministravam.

De volta ao Brasil, assumindo a disciplina de Língua Inglesa no Curso de Letras de uma escola superior e recebendo alunos repletos de vícios adquiridos em decorrência de um ensino inadequado, passei a considerar o ensino da Língua Inglesa como um desafio, e percebi que deveria levar meus alunos a um aprendizado adequado da língua, já que eles serão os futuros professores e, portanto, multiplicadores de uma pronúncia verdadeira. Daí o desejo ardente de passar a meus alunos uma formação consistente em pronúncia — mas não uma consistência teórica como víamos em Guimson, e sim como a que vemos em Adrian Underhill, na Inglaterra, e em Marianne Celce-

Murcia, nos Estados Unidos — para que eles possam multiplicar seu aprendizado por meio de aulas comunicativas com esclarecimentos de fonética tranquilamente passados a seus futuros alunos. Vejo a necessidade de formar professores aptos a utilizar qualquer tipo de metodologia e com bagagem para transmitirem com segurança a pronúncia legítima do idioma ensinado, lançando mão de todos os recursos que o mundo atual nos proporciona.

É, portanto, imprescindível a inserção da fonética e da fonologia no ensino do Inglês. Para tanto, é necessário que façamos uma desmitificação das dificuldades que essas duas áreas possam apresentar. Em meus estudos atuais, busco formas simplificadas de lidar com a fonética, a fonologia, a prosódia — problemas de ordem segmental e supra-segmental, que afetam sobremaneira a pronúncia da língua inglesa — e aplicá-las em sala de aula.

Como ponto de partida, procuremos definir o que deve ser enfatizado no ensino da pronúncia do Inglês. Para tanto, é importante notar que estudos recentes mostram a supremacia dos fenômenos supra-segmentais sobre os segmentais em relação aos problemas de pronúncia. Seguem citações de pesquisadores da área comprovando essa tendência:

Gilbert, 1984; Pennington and Richards, 1986; Wong, 1987; McNerney and Mendelsohn, 1987; and Kenworthy, 1987; have discussed the relative importance of segmentals (consonants and vowels) and suprasegmentals (stress, rhythm and intonation) in intelligibility, and a consensus exists that, whereas both aspects of pronunciation are important, the most critical area is that of suprasegmentals. (Anderson-Hsieh, 1995, p.17)

Work on rhythm, linking and intonation is usually cost-effective; many learners have problems with them, you can get quicker progress in these areas than with single sounds, and the result is usually a very obvious improvement in the general quality of an accent...There is a good reason to believe that vowel quality is less significant than vowel quantity (effect on rhythm). (Gilbert,1995, p.9)

The aspects to be tackled, as ever, are stress and rhythm, intonation, and sounds. I prefer to treat them in that order... Trainees must therefore appreciate that

English is stress-timed; focusing first on stress and rhythm also helps them to deal with the mechanics of practice (choral drilling, beating time, etc.). (Watson, 1989, /s.p./)

It helps a great deal if pronunciation work, instead of being isolated, can be allowed to permeate everything else the students do in their lessons. In this way, there is a chance that improvements made in systematic phonology drills will actually end up as automatic reflexes and become permanent features of the students' accents. (Swan, 1993, p.5)

It is possible for a learner to be native-like on each individual element of pronunciation considered in isolation, but to put together a decidedly non-native whole... 'pronunciation as a whole' is greater than the sum of its parts. Global measures will mean subjective assessment, and this will be concerned primarily not with accuracy, but with intelligibility to the listener - although the two are clearly inter-linked. (Porter, 1989, p.6)

To summarize: a fairly strong consensus exists among pronunciation specialists that suprasegmentals are extremely important in intelligibility, and some research suggests that they may be more critical for intelligibility than segmentals. (Anderson-Hsieh, 1995, p.19)

Uma vez demarcado o nosso campo de atuação, vejamos como desmitificar as possíveis dificuldades encontradas na área da pronúncia.

Sugiro a inserção do alfabeto fonético desde o primeiro dia de aula, pois os falantes de português se apoiarão, erroneamente, na ortografia, pelo simples fato de o inglês se utilizar também do alfabeto romano. Desde o princípio devemos deixar bem claro que isso não nos auxilia muito, uma vez que os sons do inglês nem sempre correspondem aos sons do português. Para termos uma idéia, enquanto no português, de acordo com um tipo de classificação, encontramos 8 vogais e 6 ditongos, no inglês temos 12 e 10 respectivamente.

Many of the mispronunciations of Portuguese speakers can be traced to the influence of the Portuguese spelling system rather than to an inability to produce particular sounds. (Avery & Ehrlich, 1992, p.145)

Os detalhes da fonética não são relevantes por si sós. Eles só deverão ser ensinados quando necessário. Muitas vezes não nos importa saber se um som é bilabial ou oclusivo, e sim se é surdo ou sonoro para que, por exemplo, produzamos adequadamente os *clusters* consonantais no final de verbos regulares no passado. Ou se o fonema /t/ é oclusivo ou não, mas sim que possui um alofone aspirado /t^h/ em posição inicial em sílabas tônicas. E inúmeros outros exemplos.

Em suma, o conteúdo apresentado deverá fazer sentido para o aluno a fim de que ele seja capaz de vivenciá-lo e posteriormente incorporá-lo à sua fala. *“We have to make absolutely sure that we and they think it is worth the trouble.”(Swan, 1993, p.8)*

É nossa obrigação desenvolver nos alunos uma atitude positiva em relação ao seu aprendizado. Há inúmeras maneiras de adentrar no universo da pronúncia com naturalidade. Em aula dada por um grupo de alunos, futuros professores de inglês, os sons vocálicos do inglês foram introduzidos através de cores. Essa vivência facilitou muito a absorção dos sons, e a partir daí as cores passaram a ser as palavras-chave para os seus respectivos sons e símbolos fonéticos.

The phonemic alphabet, introduced by means of key words which are chosen by teacher and students as an internal code of the group, has proved extremely useful in making students aware of the English sound system.(Lieff & Nunes, 1993, p.26)

A diversidade dos símbolos fonéticos utilizados nos dicionários de inglês demonstra que o importante é saber produzir os sons adequadamente e não optar por este ou aquele alfabeto fonético.

Um dos aspectos facilitadores ao se trabalhar com o ensino da pronúncia no Brasil é o fato de as classes serem monolíngües, o que não ocorre em vários países. Com isso, o professor pode trabalhar com dificuldades encontradas nos falantes do português em relação ao idioma ensinado. *“Brazilian teachers are particularly lucky because they can provide information about native-target language contrasts as they deal with monolingual groups.” (Lieff & Nunes, 1993, p.27)*

A terminologia utilizada para os diferentes aspectos da pronúncia já é, por si só, um fator inibidor para o professor leigo. Vejamos alguns exemplos para ilustrar: fonética, fonologia, entoação, prosódia, ritmo, *pitch*, *sentence stress*, *word-stress*, *content words*, *function words*, *paralinguistic features*, sotaque, parâmetros vocálicos e consonantais, schwa /ə/ e *the connected speech phenomena (assimilation, contraction, linking, catenation and elision)*. Com toda essa nomenclatura, não é de se estranhar que declarações como a que segue ocorram:

It is often found, in further training contexts or informal conversation, that experienced teacher of EFL have feelings of inadequacy, lack of expertise, guilt and rejection with respect to dealing with phonology in their teaching. (Marks, 1988, /s.d./)

Cabe, portanto, a nós, pesquisadores, estabelecer pontes e criar maneiras de percorrer o universo da pronúncia sem tantos obstáculos. Só assim possibilitaremos um ensino global.

The phonology component on a teacher training course should not baffle trainees: it should make them more confident when dealing with pronunciation problems in the classroom. (Watson; 1989, /s.d./)

Espero que as idéias mencionadas sirvam, de alguma forma, para desmitificar as dificuldades trazidas pela inclusão de aspectos da pronúncia em aulas de Inglês para qualquer nível.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON-HSIEH, J. Pronunciation factors affecting intelligibility in speakers of English as a foreign language. *Speak Out!*, Aug., 1995.
- AVERY, Peter, EHRLICH, Susan. *Teching American English pronunciation*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

BAKER, Ann, GOLDSTEIN, Sharon. *Pronunciation pairs: an introductory course for students of English (student's book)*. New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Pronunciation pairs: an introductory course for students of English (teacher's manual)*. New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Pronunciation pairs: an introductory course for students of English (set of 4 cassetts)*. New York: Cambridge University Press, 1993.

BRADFORD, B. The essential ingredients of a pronunciation programme. *Speak Out!*, July, 1990.

BRAZ-TESOL. Pronunciation SIG annotated bibliography. *Braz-tesol Newsletter*, Dec., 1994, Mar., 1995, Jun., 1995.

CARPENTER, Edwin. *English guides: 4: confusable words*. London: Harper Collins, 1993.

_____. *English guides: 6: homophones*. London: Harper Collins, 1993.

_____. *English guides: 8: spelling*. London: Harper Collins, 1993.

CELCE-MURCIA, Marianne, et al. *Teaching pronunciation: a reference for teachers of English to speakers of other languages*. New York: Cambridge University Press, 1996.

CHRISTOPHERSEN, P. & SANDVED, O. The phoneme. In: _____. *An advanced English grammar*. Macmillan, 1969. chap. 1.

DALTON, C. & SEIDLHOFER, B. *Pronunciation*. Oxford University Press, 1994.

GILBERT, J. Priorities, if there is no separate pronunciation class. *Speak Out!*, Aug., 1995.

HOOKE, R. & ROWELL, J. *A handbook of English pronunciation*. Arnold, 1982.

LIEFF, C. D. & NUNES, Z. English pronunciation and the Brazilian learner. *Speak Out!*, Aug., 1993.

MAKRON Books. Ribeirão Preto: MAKRON Books do Brasil, ag./1996.

MARKS, J. Phonology in teacher training courses. *Speak Out!*, April, 1988.

NUNAN, David, org. *Collaborative language learning and teaching*. New York: Cambridge University Press, 1992.

ORION, Gertrude F. *Pronouncing American English: sounds stress and intonation*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1988.

_____. *Pronouncing American English: sounds stress and intonation* (set of 16 cassetts). Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1988.

PORTER, D. The testing of pronunciation: some preliminary questions. *Speak Out!*, Jan., 1989.

RICHARDS, Jack C., RODGERS, Theodore S. *Approaches and methods in language teaching: a description and analysis*. New York: Cambridge University Press, 1986.

RIVERS, W. & TEMPERLEY, M. Teaching the sound system. In: _____. *A practical guide to the teaching of English as a second or foreign language*. Oxford University Press, 1978. chap. 5.

STEINBERG, Martha. *Pronúncia do inglês: norte americano*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

SHEPERD, David. Portuguese speakers. In: SWAN & SMITH. *Learn English: a teacher's guide to interference and other problems*. Cambridge University Press, 1987.

SWAN, M. Integrating pronunciation into the general language class. *Speak Out!*, Jan., 1993.

TAYLOR, Linda P. *Pronunciation in action*. Prentice Hall, 1993.

UNDERHILL, Adrian. *Sound foundations*. Heinemann, 1994.

_____. *Training, development and teacher education*. International House, /s.d./. (folheto)

WATSON, D. What aspects of phonology should be dealt with in a 4-week intensive TTC? *Speak Out!*. Aug., 1989.

WELLS, J C. *Longman pronunciation dictionary*. England: Longman, 1995.